

INSTITUIÇÕES DE SOCIABILIDADE E RESISTÊNCIA: IRMANDADES NEGRAS NA PARAHYBA DO SÉCULO XIX

Naiara Ferraz Bandeira ALVES*¹

Nosso trabalho tem por objetivo apresentar, os resultados de nossa dissertação, “*Irmãos de cor e de fé: Irmandades negras na Parahyba do século XIX*”(2006), destacando, particularmente, a funcionabilidade destas instituições e a relação antagônica, entre a sua utilização pela sociedade escravista como forma de controle social e a prática, dos irmãos do Rosário e São Benedito, de resistência e integração social, na Província da Parahyba, na segunda metade do século XIX. Baseando-se na idéia de circularidade cultural de Bakhtin (1987), aplicada, em especial por Ginzburg (2002), identificamos 13 irmandades ao longo de toda a extensão da província, onde, percebemos que se buscava através da doutrinação a disseminação da idéia de conformação, e aceitação, entre os escravos, estes, por sua vez, se utilizaram das irmandades, para resistir à situação, e se integrar a sociedade, através de suas reuniões, festas, procissões e enterramentos.

As irmandades negras desempenharam um papel vital na reorganização social homens negros na sociedade escravista, Paraibana do século XIX fossem cativos ou libertos. Durante algum tempo, na historiografia brasileira e internacional, observou-se estas instituições apenas como elemento de alienação negra diante da escravidão, já que a catequese dos pagãos foi utilizada para impor aos escravos os sentimentos de um bom cristão, como a devoção e a humildade, o que deveria resultar em conformação.

A catequese era vista, portanto, não só como um bem que se estava fazendo àqueles que viviam lado a lado com o pecado, como também para impor aos escravos sentimentos que desenvolvidos em suas mentes, os levariam à conformação de sua situação, pondo suas melhores expectativas em algo que aconteceria após a morte, pois nesta vida não existia outra solução a não ser a da vida como escravo.

Atualmente a historiografia nacional que trabalha e discute a atuação das irmandades, na sociedade brasileira colonial ou imperial, analisa estas instituições sob a

¹ Profª Ms. Naiara Ferraz B. ALVES, professora da rede municipal de Bayeux –PB, da Universidade Aberta Vida -UNAVIDA-PB, e Substituta do departamento de História da UFPB.

perspectiva de que elas eram, na realidade, espaços de luta e resistência negra, ou seja, era a brecha de sociabilização deixada pelo homem branco ao negro. Os estudiosos da escravidão brasileira, como Russell-Wood (2005), concordam e já analisam a formação de famílias dentro das senzalas, a reorganização dos escravos dentro de um território hostil como os seus cativeiros, e a pesquisa sobre as irmandades amplia a discussão sobre a reconstrução de espaços pelo negro dentro da sociedade escravista. Era um lugar de encontros, planejamentos, discussões e, principalmente, um espaço de integração na sociedade.

Questiona-se o processo de conversão desenvolvido dentro das irmandades, que eram instituições católicas que procuravam seguir os ritos oficiais, além de serem vigiadas para que cumprissem com os artigos descritos em suas ordens de compromisso apresentadas às autoridades locais e imperiais. Os negros foram convertidos ao catolicismo, eram batizados, ainda nos portos africanos, mas não eram, como todo ser humano papéis em branco, ou seja, possuíam uma bagagem cultural trazida de suas terras natais, ou no caso dos que nasceram no Brasil, recebida de seus parentes. Isto significa que não havia como o negro simplesmente abandonar tudo o que conhecia e sabia para absorver completa e intensamente a religião católica. Além disso, a catequização e a conversão dos escravos não passavam do batismo e, quando muito, de uma primeira comunhão. Não lhes eram explicados os dogmas da igreja, apenas lhes obrigavam a cumpri-los sem entender o porquê.

No dia-a-dia dos integrantes das irmandades ocorria um processo de re-significação da religião no qual a religião católica, ao lado da cultura africana, era adaptada. A relação com a morte e a intensa preocupação com o sepultamento, em especial, com a forma de ser enterrado, é um exemplo deste processo, pois aliá-se à tradição católica do sepultamento, as tradições africanas de enterrar os mortos, para que seus espíritos não ficassem vagando pelo mundo dos vivos e culpando seus familiares pela falta de consideração. Dessa forma, a morte tornava-se uma das preocupações centrais das irmandades.

Os negros venceram uma batalha localizada, mas nem por isso negligenciável, porque conseguiram preservar um aspecto fundamental de sua visão de mundo: o respeito aos mortos expresso na decência dos ritos fúnebres. (REIS, 1998, p.149)

A religião católica, também, atraía os negros por ter uma diversidade de santas e santos, assim como os deuses africanos. Alguns autores, como Costa (2001), questionam, inclusive, a interpretação que os negros faziam da hierarquia entre Deus, Cristo, Maria e os santos, afirmando que os irmãos faziam paralelos entre os orixás africanos e os santos da Igreja Católica. São, os mesmos, autores que defendem a idéia de sincretismo dentro das irmandades. Sobre essa questão, chegamos a conclusão de que, dentro de algumas irmandades, pode ter havido o processo de sincretismo de forma intencional, mas que este não era o objetivo das irmandades negras como um todo e que muitas delas defendiam a religião adotada piamente. Cada caso deve ser analisado separadamente, visto que, para nós, dentro das irmandades ocorria sim um processo de circularidade cultural que culminava em uma re-significação da religião católica.

A religião católica, como era praticada pelos portugueses e, seus descendentes, tinha, ainda, outras peculiaridades, que ligavam os negros, sem muita dificuldades, às praticas religiosas dos homens brancos. Existia uma espécie de magia praticada pelos católicos, as rezas e orações, para todos os tipos de interesses, eram como feitiços. Poderiam, ser tanto para arranjar um bom casamento, como para afastar maus-olhados, ou se curar de uma doença. Inclusive procissões e romarias para fazer chover no sertão, ou pela saúde de um membro da família imperial. Todas estas ações, muitas vezes contestadas e desestimuladas pela Igreja, que durante o funcionamento da inquisição perseguiu várias bezendeiras, sob a acusação de bruxaria.

As atitudes diante das imagens dos santos, também, eram questionadas, mas faziam parte de mais um atrativo para os homens cujo imaginário era permeado pelas características das religiões africanas. Borges (2005), nesta passagem, explica como estes homens reorganizavam a idéia que tinham de religião.

Os sistemas simbólicos são reordenados para um outro eixo religiosos e resignificados em função do novo *habitat*. Quando duas tradições interagem o sistema dominante tende a fornecer a chave da significação. Esse processo de substituição, porém, como nos explica Ortiz, não se faz de forma aleatória. O preenchimento do *cazio* opera-se de forma coerente em relação à cultura original. Exemplo: a substituição, a partir de características semelhantes, dos orixás por santos católicos. (BORGES, 2005, p. 131).

O catolicismo atraía, ainda, os homens negros, por lhes oferecer uma esperança de liberdade no pós-morte, pois, teoricamente, estariam na terra sob a condição de escravos para pagarem e se redimirem dos seus pecados, para finalmente poderem ir ao céu, um lugar onde não precisariam mais passar por provações.

As irmandades eram uma forma do escravo e dos forros se inserirem na sociedade, ou melhor, de buscarem sua humanização, tentando se libertar, pois a “liberdade” escrita na carta de alforria não era suficiente. Que tipo de liberdade poderia ter um ex-escravo forro em uma sociedade racialmente hierarquizada? Afinal, estes homens não recuperam com os papéis (as cartas de alforria) a liberdade que seus antepassados tinham na África.

A construção da idéia de liberdade para um escravo, segundo Carvalho (2001), estaria baseada na experiência de vida e nas tradições de sua cultura. O processo para liberdade inicia-se com a reconstrução de uma rede de relações pessoais, a recriação de raízes: reconstrução da identidade étnica, através da língua, da religião e dos laços familiares. “E a reconstrução destes laços envolvia tanto os batuques e danças das senzalas, como as irmandades, pois estas iriam tentar inserir o negro na sociedade” (CARVALHO, 2001, p.75). Além de serem associações de ajuda mútua, tornavam-se os elos entre os negros, escravos e forros e as autoridades provinciais. As irmandades também poderiam ajudar na inclusão econômica dos seus membros. Russell-Wood tem uma definição clara para a atuação das irmandades dentro da sociedade escravista brasileira, com a qual concordamos plenamente.

As irmandades de pessoas de cor do Brasil representaram uma proteção contra uma sociedade competitiva e dominada pelos brancos, não só para o negro trazido da África como escravo como também para os negros e mulatos nascidos no Brasil, fossem escravos ou libertos. As irmandades constituíam uma resposta associativa a uma necessidade coletiva e individual sentida pelos negros e mulatos da colônia. Esta necessidade pode ser discutida em três categorias: educação religiosa ou socorro espiritual, assistência médica e a busca de identidade. (RUSSELL-WOOD, 2005, p.193)

Segundo Russell-Wood (2005) as irmandades eram espaços onde o negro procurava encontrar a sua identidade. Afinal, o que era e qual é o papel de um homem negro dentro da sociedade paraibana escravista? Mesmo os libertos ou nascidos livres, onde se encaixariam? Caso o homem negro não se reunisse não encontraria espaço algum nesta

sociedade excludente e hierarquizada cujos papéis que lhes reservavam eram os mais humilhantes possíveis, entre eles, a escravidão.

A Irmandade desenvolve um papel central na busca deste lugar na sociedade, onde as religiões africanas e suas práticas eram proibidas. Os negros queriam integrar-se à sociedade e não formar um mundo paralelo. Para tanto, precisavam seguir as regras desta sociedade que lhes deixava à parte.

Dentro das confrarias podiam seguir regras aceitas socialmente, participar de festas coletivas, até organizar algumas, serem admirados dependendo do grau de organização das irmandades e, desta forma, se encontrar como parte integrante desta organização, sem ocupar apenas o papel de escravo. Podiam ser reconhecidos como um dos irmãos da confraria, de acordo com o cargo que exercesse nela.

Dentro dessa sociedade, a hierarquia era tanta e tão bem estabelecida, que nos chamou a atenção a existência de uma irmandade negra que deixava bem claro em sua nomenclatura a informação de que, apesar de se constituir de homens pretos, era organizada para homens livres². Esta era a Irmandade do Senhor dos Martírios dos Homens Pretos Livres, que possuía capela própria na rua das Trincheiras, na capital da província.

Estes homens negros afirmavam sua cor, já que eram obrigados, pelo formato dos estatutos, mas deixavam bem clara sua condição de pessoa livre, mas “não esqueciam dos martírios pelos quais passavam”. Ou seja, identificavam-se diante da sociedade, apesar de negros eram livres e, por isso, pensavam que deveriam ter um lugar diferenciado.

Estas confrarias negras não eram apenas modelos de instituições brancas; seguem um modelo de regimento semelhante, por ser um documento oficial, mas cada texto produzido possui as diferenças e peculiaridades de cada irmandade. São essas diferenças e peculiaridades que marcam as instituições, que fazem com que cada uma, de forma particular, abrigue seus irmãos com uma identidade própria.

Para os autores que defendem a hipótese de sincretismo dentro das irmandades esta questão da formação da identidade negra, através destas instituições, ganha uma conotação

² Infelizmente não encontramos a ordem de compromisso desta irmandade para podermos verificar se ela aceitava, ou não, escravos entre seus irmãos. Sua nomenclatura nos leva a supor que estes não eram aceitos. Esta irmandade ficava localizada onde hoje é a Igreja de Nossa Senhora de Lourdes, na rua das Trincheiras, como muitos dos espaços pertencentes as irmandades, esta capela foi tomada pela Igreja Católica, quando as irmandades foram desligadas da Igreja e substituídas pelas ordens Pias.

ainda mais forte, por acreditarem ter sido estas instituições que guardaram de forma mascarada as características da cultura e religião africana³.

Para nós, dentro das irmandades ocorreu uma circulação de informações, costumes e tradições, e dessa forma a cultura africana e suas características teriam se preservado da mesma forma, apenas com a diferença de não ter sido proposital, em todos os casos.

Concordamos, ainda, com a possibilidade de que muitos dos negros integrantes das irmandades após a liberação dos cultos afros possam ter abandonado as suas confrarias para retomar as suas origens religiosas, por vontade, vocação, desejo ou mesmo curiosidade, os motivos seriam muitos para tal “abandono”, e por questões individuais, afinal, o que leva um homem a escolher uma religião em detrimento de outra? Em todo caso, as irmandades foram parte responsável pela formação da identidade cultural do homem negro do século XIX, e seu estudo deveria ser aprofundado para compreensão da identidade do homem negro do século XXI.

Dentro das Irmandades os irmãos tinham várias obrigações a cumprir, entre estas, a função central de disseminar o culto católico, em nome do santo padroeiro. Dessa forma, ensinava-se aos novos irmãos, as orações e missas que deveriam ser realizadas durante todo o ano. Era uma forma de salvar as almas e de auxiliar espiritualmente aos fiéis, ou seja, era uma forma de educar os irmãos na religião.

As missas eram decoradas, assim como as orações e os cânticos sacros. Durante as procissões, tudo deveria estar bem “aprendido” para que tudo saísse perfeito no desfile, diante de toda a cidade. De pai para filho os ritos e rituais eram passados e aprendidos, recebendo os filhos dos irmãos a educação necessária para que, quando ganhassem as idades mínimas, que variavam de acordo com a instituição, pudessem ingressar na ordem.

Ao utilizarmos o termo educação, não estamos tratando de uma forma de ensino, crítica, analítica e que discutisse a religião católica, até mesmo porque, em muitos casos, as irmandades não tinham a presença constante dos clérigos nem para lhes ensinar, ou melhor,

³ Os cultos africanos estariam disfarçados dentro das irmandades e, após a liberdade das práticas religiosas, os negros teriam se afastado da instituição católica e montado seus cultos afros pelo Brasil inteiro, em especial, na Bahia. É uma hipótese, mas como descrevemos em nosso primeiro capítulo, a discussão sobre sincretismo não foi um dos eixos de nossa pesquisa que, de certa forma, opta pela idéia de ter ocorrido dentro destas instituições, como afirmamos acima, um intenso processo de circularidade cultural.

para lhes fazer decorar as orações e dogmas da Igreja, quanto mais para lhes proporcionar uma discussão teológica. O que era transmitido era considerado educação, no sentido em que os irmãos sabiam o que fazer na hora das missas, dos velórios, dos enterros e nas procissões e passavam isso para os outros integrantes, desta forma estes podiam se portar de acordo com as regras da sociedade da qual faziam parte.

Esta “educação” alcança, ainda, a forma de viver de seus irmãos fora da instituição, pois as irmandades deixavam claro, em seus estatutos, que seus integrantes deveriam ter uma vida digna, sem vadiagem e sem vícios. Este é um dos pontos que mais foi criticado por autores como Nina Rodrigues (1935), que produziram seus trabalhos na década de 30, baseados na idéia de aculturação e caracterizaram as irmandades como instituições reguladoras, ou seja, mais um dos instrumentos utilizados pelos escravistas para aculturar e conformar os negros à condição de escravo. Lembramos, mais uma vez, que as fontes utilizadas neste estudo - as ordens de compromisso - não podem ser analisadas como fontes da verdade. Os autores destes documentos tinham um padrão a seguir, e o objetivo de tê-lo aprovado pelas autoridades locais. Para tanto, buscavam escrever, em seus artigos e parágrafos, tudo o que poderia agradar ao Estado e a Igreja.

A irmandade definia e educava seus irmãos na conduta social que deveriam, seguir diante do restante da sociedade, e, neste caso, a rigidez era grande, pois os desvios de condutas que fossem reincidentes seriam punidos com a expulsão da instituição.

Este era o principal papel desempenhado pelas irmandades: o de ajudar seus irmãos. Como destacamos anteriormente, a preocupação com o enterro era a característica central de todas as irmandades e cada uma delas trazia em seus estatutos, algumas peculiaridades, acerca dessas cerimônias fúnebres, da forma como seriam organizadas as festas, etc.

Alguns autores, como Quintão (2002), destacam a atuação das irmandades no auxílio à compra de cartas de alforria. As irmandades chegavam a fazer empréstimos aos seus irmãos, que destinariam o dinheiro para compra das cartas.

O regimem e direção d’esta Irmandade ficará a cargo da Mesa regedora, que empregará todos os seus esforços em promover o progresso e prosperidade d’esta Corporação; velando sobre a boa administração de seus bens, os creditos que d’elles resultem, a boa applicação dos dinheiros, prohibindo que sejam dados a juros, excepto quando sem prejuizo dos interesses, e precisões da Irmandade se possa com o seo empréstimo favorecer a algum Irmão que queira libertar-se, e em tal caso se exigirá penhor, e fiador idôneo, que não seja também Irmão, e nem escravo, afim de evitar desharmonia entre elles. (Art. 32º Ordem de

Dentre as ordens de compromisso que analisamos, a Ordem de Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Villa d'Alagôa Nova, foi a única que deixou de forma explícita esta ajuda material aos seus irmãos escravos que quisessem se alforriar. O que foi uma atitude corajosa da instituição, pois este documento como já destacamos, iria passar pela aprovação das autoridades.

A ajuda espiritual era uma das principais atividades da irmandade. Os irmãos rezavam e preocupavam-se com o destino dos corpos de seus companheiros, além de rezarem pelas almas já desencarnadas. Assim, os integrantes das irmandades não estariam abandonados à própria sorte no pós-morte. Eram as confrarias instituições e lugares onde o negro se sentia parte integrante da sociedade.

Ajudavam-se também em casos de doenças, quando se procurava disponibilizar médicos para o auxílio dos irmãos. A irmandade era, portanto, uma forma de não se estar sozinho, de se reconstruir laços quase familiares, onde os irmãos tinham um lugar para buscar apoio. Quintão (2002) destaca, ainda, que algumas destas instituições tinham uma preocupação especial com os negros que se encontravam presos. As cadeias do século XIX eram ambientes insalubres, e muitas vezes faltava até mesmo alimentação para os presos. Ela destaca, em seu livro, que algumas irmandades negras se organizavam no sentido de dar o mínimo de condições para que o negro que estivesse preso pudesse sobreviver naquela situação.

Destacamos que sentimento de ajuda ao próximo e condescendência é algo disseminado pelos dogmas da Igreja Católica. Os irmãos negros souberam apreender estes ensinamentos, e disseminá-los, no sentido de auxiliar aos seus que viviam em situação de risco, resistindo às opressões e a convenções da sociedade branca.

A ajuda ao próximo das irmandades negras convertia-se em atitudes, em que se procurava dar o mínimo de condições aos irmãos da instituição, fossem estes escravos, presidiários, libertos, ou nascidos livres. Deixando-se bem claro suas posições, seus deveres e direitos dentro da irmandade.

⁴ FUNESC/ Arquivo Histórico / Período Imperial / Doc. Manuscrito / CX:037 / Ano: 1859

Eram as irmandades espaços utilizados pelo negro para lutar e resistir à sociedade escravista, mostrando-se integrado ao seu cotidiano e tradições, além de se ajudarem mutuamente, tanto de forma prática, no auxílio à compra de cartas de alforria, quanto espiritualmente, encaminhando suas almas para uma boa morte, e procurando encontrar, nesta sociedade escravista e hierarquizada, um lugar e a identidade do homem negro.

Referências

ALVES, Naiara Ferraz B. **Irmãos de cor e de fé: irmandades negras na Parahyba do século XIX**. 2006. 115f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal da Paraíba, 2006.

BORGES, Célia Maia. **Escravos e Libertos nas Irmandades do Rosário**. Devoção e solidariedade em Minas Gerais – séculos XVIII e XIX. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

CARVALHO, Marcus J. M. de. **Liberdade, Rotinas e Rupturas do escravismo**. Recife, 1822-1850. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2001.

COSTA, Sebastião Vieira da. “Alguns aspectos da religiosidade afro-brasileira em vista de uma adequada pastoral da iniciação cristã”. IN: BRANDÃO, Sylvana. (org). **História das religiões no Brasil**. Vol.1. Recife: Editora Universitária UFPE, 2001.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mocambos**. 2º tomo. 4ªed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1968.

QUINTÃO, Antonia Aparecida. **Lá vem o meu parente**: as irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e em Pernambuco (século XVIII). São Paulo: Annablume, 2002.

REIS, João José. **A Morte é uma Festa**. Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RODRIGUES, Nina. **O Animismo Fetichista dos Negros Baianos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

RUSSELL- Wood, A .J. R. **Escravos e Libertos no Brasil Colonial**. Tradução: Maria Beatriz Medina – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.